

A moda dos símbolos nacionais

Camisas da Seleção Brasileira sem ser dia de jogo, a melodia do Hino Nacional assoviada nas esquinas, gravatas verdes ou amarelas em elegantes ternos e uma bandeirinha do Brasil sempre vendida por ambulantes. São os símbolos nacionais que viraram mais do que moda no Rio: É um orgulho mal disfarçado de ser brasileiro que volta às ruas.

— As pessoas tinham vergonha de dizer que eram brasileiros pelas coisas que aconteciam no país. A gente não tinha incentivo para gostar de cantar um Hino que só tocava em parada de Sete de Setembro ou antes do discurso chato de alguém — garante o ambulante Antônio Ferreira da Silva, 38 anos, morador em Nova Iguaçu e que ontem vendia bandeirinhas do Brasil por Cr\$ 500 na Candelária.

Nacionalismo

O ambulante das bandeirinhas, que já foi pintor de paredes e faz um curso de electricista no Senai, não participou de qualquer comício pelas diretas “porque estava trabalhando numa obra em Copacabana”, mas acredita “que agora a gente vai melhorar”. Sem saber direito “o que quer dizer algumas palavras”, ele garante

que sabe toda a letra do Hino Nacional: “Quem não sabe é burro. Eu aprendi pequeno, na escola. É feito dizer papai e mamãe. A gente não esquece mais”.

Com uma vistosa camisa da Seleção, o garçom do Hotel Rio Palace, José Azevedo Miranda, 28 anos, saiu do trabalho para participar de uma passeata em homenagem ao Presidente Tancredo Neves. Quando o Hino Nacional foi irradiado por um caminhão de som, penetrado, ele cantou toda a letra com emoção:

— Antes, a gente cantava por cantar, por obrigação, e só se emocionava numa partida da Seleção. Agora, é com sentimento porque a gente participa mais, pode falar coisas que antes não podia. Agora o que está em jogo é uma pátria, um país. Não tem nada a ver com Copa do Mundo — garante José Miranda, morador no Engenho de Dentro e que participou de vários comícios pelas diretas.

Mas existem também os que sempre se protegeram sob os acordes do Hino Nacional e o cantaram com muita emoção. É o caso da bibliotecária da Secretaria Municipal de Fazenda, Norma Fonseca de Paiva, 53 anos:

— O Hino Nacional sempre foi uma arma contra a ditadura porque era cantado pela população e ninguém podia fazer nada. Cantamos muito durante a ditadura, em comícios, passeatas e manifestações.

Para outros, o maior uso dos símbolos nacionais é fruto de uma insegurança e expectativa, como o médico Jorge Teixeira, 35 anos:

— Existe atualmente uma emoção maior devido ao momento que o país atravessa. A procura dos símbolos nacionais representa a vontade de mudar, a necessidade de participação e a expectativa. Não sabemos agora se a Nova República vai dar certo.

Mas existem pessoas que não sabem cantar o Hino nem compreendem as diferenças de contexto histórico. São as crianças, que, levadas pelos pais, agitam a Bandeira Nacional como se brincassem com um cata-ventos. Levada pela mãe, a pequena Carolina Von Der Weid, de cinco anos, participou de comícios pelas diretas e ontem agitava sua bandeirinha, só sabendo dizer que “é a Bandeira do Brasil. O Brasil é o País onde eu nasci. É um lugar legal”.